

Atividade “Todos a Ler”
Sugestão de leitura para o 11º e 12º anos

O dia das espingardas de flor na boca

Temos uma vida de rotinas — de gestos e hábitos que marcam o nosso território, como um véu que vai caindo sobre nós e filtra a luz com que vemos.

Mas há pelo menos uma, duas, três vezes na vida — mais se procurarmos —, em que algo acontece: um rasgão no véu da rotina, que deixa entrar o caos, a luz, os fantasmas, as fadas, os anjos e os demónios. É só por um instante — uma aventura, por assim dizer — que depressa acaba, e nos deixa sós, a passar o resto da vida a tentar entender esse instante, a explicá-lo aos outros, a sonhar com ele ou a tentar repeti-lo.

Os celtas chamavam-lhe Samhain ou Beltane — a noite em que as fadas tomavam conta da terra para a encher de caos e encantamento. E Platão falava da divina loucura, inspirada umas vezes por Apolo, na forma de visões sábias, por Dionísio, como loucura dos sentidos, por Ares, através da violência descontrolada, e por Afrodite, na paixão amorosa. E cada uma destas loucuras podia — e isso tornava-a única — mudar o curso do mundo.

Ninguém sabe o que aconteceu no 25 de abril ou porquê. Vendo as reportagens, os estudos, os testemunhos, multiplicam-se as teorias, as opiniões e a confusão. Mas algo aconteceu; algo com que ninguém sabia lidar, e cada um tentou resolver o melhor que pôde: o soldado que parou o tanque no sinal vermelho, a caminho da revolução, o capitão que prendeu a autoridade máxima do país, mas cumprindo o protocolo militar.

O 25 de abril foi o Samhain e o Beltane português do século XX. Num país condenado a viver habitualmente, o amanhecer de abril foi o dia mais sensual, descontrolado e eufórico das últimas gerações.

E no meio desse êxtase há uma paixão que ainda transborda das imagens que ficaram: o desejo. O desejo dos corpos unidos em multidões eufóricas, de grupos a colarem pele, suor e calor no cimo de tanques e de árvores, de homens e mulheres a abraçaram-se e a elevarem em conjunto os braços ao céu, roçando braços, peitos, cabelos e bocas. E o desejo é, sempre, a resposta ao medo. E esse desejo, no 25 de abril, tornou-se uma espingarda a ser penetrada por uma flor.

Nos livros, as revoluções fazem-se por abstrações como a liberdade, a igualdade, a independência ou a economia. Nas ruas e praças, as revoluções fazem-se pelo pão, pelo trabalho, pelo desejo, pela vida, pelos outros, ou apenas pela alegria.

Atividade “Todos a Ler”

Sugestão de leitura para o 9º e 10º anos

Liberdade

Num jardim, público, na Cidade do Kuwait, algumas mulheres completamente cobertas, vestidas de negro (de niqab), faziam jogging com uma pequena carteira a tiracolo e umas sapatilhas coloridas de marca (a única coisa visível, além da carteira). Habitualmente, o clima não é propício a qualquer atividade ao ar livre: no verão chegam a estar sessenta graus. Estávamos em dezembro, por isso, era possível correr nos jardins.

Ali, o ar livre é, durante um boa parte do ano, uma miragem no deserto, e as pessoas vivem cercadas de ar condicionado, dentro de edifícios de escritórios, arranha-céus, centros comerciais, automóveis, por isso, andar pelas ruas é uma espécie de luxo confinado a uma temporada curta, tão curta que não é capaz de cimentar rotinas, apesar das tentativas.

Caminhei pelo centro da cidade com uma escritora, bastante famosa no mundo árabe, que havia conhecido dias antes e que, ao contrário da esmagadora maioria das mulheres suas conterrâneas, usava calças e os cabelos destapados. No *souq*, passámos por uma loja que tinha roupas penduradas à porta. Ela apontou para essas roupas daquelas que tapam todo o corpo, e disse: “já fui uma mulher destas.”

Tinha sido casada, durante mais de uma década, com um homem de uma família muito conservadora, teve dois filhos e depois divorciou-se. O que aconteceu? Perguntei eu, e ela respondeu que se libertou. Como? Insisti.

- Comecei a ler e libertei-me.

Afonso Cruz in, *O vício dos livros*

Notas:

Niqab - véu que cobre o rosto e só revela os olhos, usado por algumas mulheres muçulmanas

Souq – mercado

Atividade “Todos a Ler”
Sugestão de leitura para o 7º e 8º anos

O que é importante que eu te diga, antes de te contar o que era Portugal antes do 25 de Abril de 1974, é que esse foi um dia de festa, de grande festa e de grande esperança, que trouxe para as ruas e para as praças, em todo o País, gente de todas as idades. As pessoas queriam saber o que estava a acontecer, mas, mesmo antes de o perceberem, chegaram a uma conclusão importante: os militares estavam na rua em nome da paz e não da guerra, em nome da liberdade e não da falta dela, em nome da compreensão e do diálogo e não em nome do silêncio e do ódio.

De uma coisa eu tenho a certeza: tu sabes que há sempre feriado nacional no dia 25 de Abril. Isto é, nesse dia não tens aulas, os teus pais não vão trabalhar e, se passares nas principais ruas e praças da terra onde vives, verás mais bandeiras do que é habitual, ouvirás bandas a tocar músicas alegres e talvez oiças à noite o ruído de foguetes e de morteiros que celebram a passagem de mais um Dia da Liberdade.

Eu sei que nesse dia tu ainda não tinhas nascido e que, se calhar, os teus pais ainda nem sequer se conheciam. Mesmo assim, posso dizer-te que este dia foi feito a pensar em ti e em todos aqueles que viriam depois, porque aqueles que o fizeram não queriam que os Portugueses vivessem sem liberdade e sem o gosto de serem portugueses. Por isso, este dia também é teu, e é importante que o sintas dessa maneira ao longo da tua vida. E, quando chegar à altura, será bom que possas falar dele aos teus filhos e aos teus netos, porque dias como o 25 de Abril só se mantêm vivos se nos lembrarmos do seu significado e lhe dermos sentido nas nossas vidas. O 25 de Abril é sinónimo de liberdade; mas a liberdade murcha, tal como as plantas e as flores acabam por murchar se não as regares...

Se tal acontecer, serão apenas datas condenadas ao silêncio dos livros de história, sempre à espera que alguém se lembre de perguntar: Que dia foi este? Por que razão havemos de festeja-lo?

Sempre que te falarem do 25 de abril, experimenta associar à data a palavra Liberdade e verá que tudo fará logo sentido. Do mesmo modo que associas os nomes Figo ou Cristiano Ronaldo à palavra Futebol, é fundamental que associes o 25 de abril à liberdade. Esse foi o dia em que os portugueses deixaram de ter medo de pronunciar essa palavra e passaram a viver com ela e por ela com a mesma naturalidade com que se respira.

José Jorge Letria in, *O 25 de abril contado às crianças ... e aos outros*

Atividade “Todos a Ler” Sugestão de leitura para o 2º ciclo

O Tesouro

Há muitos anos, no tempo em que o teu pai andava na escola, num país muito distante vivia um povo infeliz e solitário, vergado sob o peso de uma misteriosa tristeza. (...)

O povo daquele país tivera um dia um imenso e belo tesouro e que alguém lho roubara. E que era um tesouro tão grande e tão valioso que, sem ele, não podiam ser felizes. - Um tesouro? Perguntavam os visitantes muito surpreendidos. - Sim, um tesouro... A liberdade. (...)

Os meninos do País das Pessoas Tristes não podiam ouvir as músicas, nem ver os filmes, nem ler os livros e as revistas de que gostavam mas só as músicas, os filmes e os livros que não eram proibidos. Nem sequer podiam beber Coca-Cola, porque a Coca-Cola também era (ninguém sabia porquê) proibida!

As raparigas e os rapazes não podiam conversar nem conviver une com os outros e tinham que andar em escolas separadas e brincar em recreios separados por muros e por grades. As raparigas não podiam vestir calças nem andar sem meias, era também proibido; e os rapazes, quando cresciam, eram mandados para horríveis guerras em países longínquos e obrigados a matar gente que não conheciam e que nunca lhes tinha feito mal nenhum, e muitos deles morriam lá ou regressavam loucos ou estropiados. (...)

Até que um dia chegou em que, no País das Pessoas Tristes, as pessoas decidiram reconquistar o seu tesouro. Os soldados reuniram-se nos quartéis e pegaram nas suas armas para arrancar finalmente o tesouro das mãos dos ladrões. E toda a gente saiu alvoroçadamente para a rua e acompanhou os soldados, cantando e gritando; “Viva a liberdade! Viva a liberdade!”.

Os corações exultaram de alegria e as janelas encheram-se de bandeiras e de cravos vermelhos: os soldados puseram cravos vermelhos nas espingardas e as mulheres esqueceram-se do jantar e das limpezas da casa e correram para a rua com os filhos ao colo e cravos vermelhos ao peito, chorando e rindo, comovidas e confusas; as pessoas que tinham sido expulsas e obrigadas a refugiar-se longe regressaram; as portas das cadeias abriram-se e os presos voltaram a casa; os jovens vieram da guerra, felizes por estar de novo rodeados dos amigos e abraçar os pais e os irmãos; e os meninos e as meninas puderam pela primeira vez dar as mãos e falar e olhar-se, caminhando lado a lado sem medo de acusações nem de castigos. Todo o país se transformou numa grande festa ruidosa e transbordante, e as pessoas deixaram sair livremente do coração todas as palavras e todos os sentimentos longamente acumulados durante os anos de infelicidade. Era o dia 25 de Abril e, porque foi nesse dia que aquele povo recuperou o tesouro da liberdade, esse dia passou para sempre a chamar-se o Dia da Liberdade.

Tudo isto aconteceu há muito tempo (ainda tu não tinhas nascido), num país muito distante. Esse país agora já não se chama Pais das Pessoas Tristes, chama-se Portugal e é o teu país.

Atividade “Todos a Ler”

Sugestão de leitura para o 1º ciclo (3º e 4º anos)

Eu, o semáforo

Gosto da ordem, das coisas a seu devido tempo, no seu devido lugar, na sua devida categoria. Sempre gostei, posso assim dizer, porque esta vida de semáforo não se escolhe, e eu tive a sorte de gostar muito desta minha função.

O verde será sempre o verde. É para passar à vontade, com toda a segurança, sabendo que os outros estão quietos e recatados, adormecidos por um vermelho que não é meu, mas que é como se fosse. Tenho um brilho espacial nesta cor, se me é permitido o autoelogio, um brilho difícil de descrever e, sobretudo, de imitar.

Já com o amarelo não se pode dizer que seja uma cor de fiar. Há uns malucos que me desafiam e fazem abanar o meu pobre poste com a deslocação do ar que provocam à sua passagem. Deveria ser um aviso para terem mais cautela, mais civilização, mas é muito raro isso acontecer. Bom, bem vistas as coisas, se alguém resolve parar no amarelo, o chinfrim de buzinelas que se levanta é pavoroso.

O vermelho é o meu preferido. Deixo-me envolver com aquela estranha sensação de poder, de limitador da vontade alheia. Deixo todos pregados ao chão, dependentes da minha decisão de os mandar avançar. Adoro!... Desculpem, foi o entusiasmo. O vermelho é o meu preferido, não me canso de o repetir. O meu preferido.

Quando, naquela madrugada, vi ao longe uma coluna militar, preparei-me para mudar os circuitos. Não é todos os dias que se facilita aos nossos guardiões! A minha ideia era pôr-me verde o tempo que fosse preciso até passar o último tanque. Que honra, poder ser útil para estes digníssimos defensores da pátria.

Só então percebi o que se passava... Não eram guardiões! Eram soldados do contra, imaginem vocês! Falavam alegremente sobre tomar de assalto a cidade desprevenida, em conquistar a liberdade, em elevar Portugal a um estado democrático. Estremeci de raiva! Como era possível tal afronta? Só havia uma justificação para aquele disparate: era cedo de mais para que a polícia política os detetasse. Não seriam precisas muitas horas até serem esmagados pela PIDE...

Apliquei-me com todas as minhas forças: tinha de os travar. Senti que os meus colegas de cruzamento se inebriavam de um contentamento vergonhoso. Estavam excitados com a promessa de reviravolta que propunham. Ignorantes! Restava eu para conter os revolucionários.

Margarida Fonseca Santos in, 7 X 25 Histórias da Liberdade

Atividade “Todos a Ler”

Sugestão de leitura para o 1º ciclo (1º e 2º anos)

A Flor de Abril

Naquela tarde, o pai pintava um quadro diferente.

Na ponta de uma espingarda, tina desenhado uma enorme flor vermelha, muito viva.

- Que flor é esta? – perguntou o João.

O pai sorriu e foi sentar-se ao lado dele, a olhar a tela:

- Esta flor chama-se Liberdade.

Com os olhos muito abertos, sem os tirar da pintura, disse o João que o pai era um brincalhão.

- A flor não se chama assim!

- Na verdade, é um cravo vermelho – disse o pintor. – Mas é uma flor que conta a história da nossa liberdade e do 25 de abril, quando o dia nasceu em Portugal.

- O dia nasceu? Mas antes era noite?...

- Era. Vou contar-te porquê. Tinha eu mais ou menos a tua idade... e começou o pai do João a falar do tempo em que o nosso país era diferente. Do tempo da ditadura.

- Da ditaquê?

- Da ditadura, Joãozinho. Hoje em Portugal, quem manda mesmo é o povo. Quando há eleições, eu e a mãe e os outros adultos vamos votar, para escolher o Governo. O Governo manda no país, mas, se não gostarmos do que eles fazem, podemos escolher outros. Por isso, quem manda é o povo. Antigamente, não era assim. Se as pessoas não gostassem do Governo, tinham de ficar caladas. Muitos dos que não gostavam eram presos ou viviam escondidos. E foi assim durante anos.

- Presos, pai? Como ladrões?

- Sim, João. Havia um homem que mandava. Quem não fizesse tudo o que ele dizia era tratado como um ladrão.

O pai queria falar do quadro que estava a pintar, queria contar a história da “Revolução dos Cravos”.

Pedro Olavo Simões in, A Flor de Abril

Atividade “Todos a Ler”

Sugestão de leitura para a Educação Pré-Escolar

A Lua conta-me histórias

Quando me deitava e sentia que os meus pais já dormiam, vinha à janela e chamava pela Lua. Gostava muito desse momento. A Lua era uma ótima companhia e parecia que já nos conhecíamos há muito tempo!

Muitas histórias me contava, mas eu não as podia revelar. Era um segredo só nosso! Num desses dias contou-me uma história tão bonita que lhe pedi autorização para ta contar. Queres ouvir?

Certa noite, a Lua espreitou pela janela da casa do Francisco e do Dinis, dois irmãos muito traquinas que adoravam aventuras. O Francisco, de 6 anos, tinha acabado de entrar para a escola e era o mais corajoso, talvez por causa dos livros que lia e pelas muitas histórias que conhecia de cor e salteado.

O Dinis tinha 4 anos. Apesar de não saber ler, gostava de folhear cada página dos livros e admirava com muita atenção todas as imagens. Não era tão corajoso como o irmão e, por isso, nem sempre o acompanhava nas aventuras.

Foi o que aconteceu naquela noite:

Enquanto o Dinis dormia um sono profundo, o Francisco levantou-se da cama, pé ante pé, dirigiu-se ao pote que estava sobre a mesa e num tom muito baixinho soletrou as palavras mágicas.

Pote, potinho

transforma-me

em pequenino.